

Valores e crenças no mundo pós-morte nos relatos de viagens imaginárias medievais.¹

Solange Pereira Oliveira
Mestre em História Social (UFMA)
Doutoranda em História (UFF)
solstar22@hotmail.com
Enviado em: 20/04/2015
Aceito em: 11/05/2015

Resumo:

Os relatos de viagens imaginárias medievais são imprescindíveis para conhecermos a concepção cristã do mundo dos mortos divulgado pelos eclesiásticos, pois se constituem em narrativas que visam revelar aos medievos as experiências espirituais no pós-morte através de uma estrutura bem peculiar que nos servem como fonte de informações sobre os ensinamentos clericais. Como exemplo desses relatos, estão as narrativas visionárias que apresentam as características dos “lugares das almas” no Além e os valores da religiosidade cristã que auxiliam os pregadores em seus processos de evangelização dos medievais.

Palavras-chave: Morte. Além Medieval. Viagem Imaginária. *Visão de Tündalo*.

Abstract:

The medieval accounts about “voyages” are essential to know the Christian conception of the dead released by the church because constitute narratives which reveal the medieval spiritual experiences in the afterlife through a peculiar structure that serve us as a source of information on clerical teachings. As an example of these reports, we present the visionary narratives that fulfill the characteristics of “places of souls” in the afterlife and the values of Christian religiosity that help preachers in their medieval evangelization processes.

Keywords: Death. Medieval Afterlife. Imaginary voyages. Vision of *Tnugdál*.

Introdução

Este texto tem como objetivo apresentar algumas considerações sobre a importância dos relatos de viagens imaginárias medievais como um instrumento de divulgação dos valores cristãos que realçam a função dos pregadores em converter os leigos e ainda legitimar a reafirmação da crença de uma vida no pós-morte.

As narrativas de visões são exemplos desses relatos que visam provocar no indivíduo ou ouvintes e leitores mobilizações religiosas que estejam de acordo com os preceitos da Igreja medieval, assim, se mostra os destinos das almas no mundo dos mortos ligados as suas ações comportamentais no plano terreno.

Para iniciar essas discussões que se encontram aqui de modo reduzida selecionamos a versão portuguesa do manuscrito *Visão de Túndalo* (códice 244) no intuito de exemplificarmos através da sua estrutura narrativa a concepção dos espaços do Além em conformidade com um discurso religioso de intenção, ou seja, de uma norma sagrada engendrada pelos eclesiásticos. Esta narrativa foi originalmente escrita no século XII por um monge irlandês e depois traduzida para vários idiomas vernáculos. A tradução portuguesa ocorreu no mosteiro de Alcobaça, entre fins do século XIV e início do século XV.

Mas antes, discorreremos de forma geral, a visão que os medievos tinham sobre a morte baseada nos ensinamentos dos clérigos que cumpriam o papel de difusores das coisas invisíveis do outro mundo através de seus sermões, relatos escritos, orais, missas e outros levando mensagens sobre as concepções da morte e mundo dos mortos.

E os relatos de viagens imaginárias foram imprescindíveis, principalmente para a revelação dos itinerários das almas no pós-morte bem como a estruturação dos lugares de alocações dessas almas no Além. Diante dessa noção propagada pelos clérigos que não podemos deixar de destacar também as mensagens pedagógicas que esses tipos de relatos transmitem, pois há explicitamente mensagens de modelos comportamentais ideais e reprováveis pela Igreja Católica visando esclarecer as consequências destas no mundo das realidades espirituais.

Sobre a morte no imaginário medieval

Falar em morte na Idade Média implica pensar nas atitudes dos medievos no momento em que o corpo se separa da alma, assim como a crença na elevação das almas ao Outro Mundo, já que os medievos acreditavam na continuidade de uma vida após a morte. Tanto que “a maior parte dos cristãos tinha tanta certeza da imortalidade da alma e da existência do outro mundo quanto da realidade de seu corpo e do mundo terreno.” (D’HAUCOURT, 1994, p. 112).

Em uma sociedade marcada pelos “fundamentos cristãos”, as pessoas só temiam morrer sem uma preparação do caminho de passagem para o Além. “Como o cristianismo ensina que a morte é o começo da vida eterna, e não o fim definitivo, chegado o momento as pessoas procuravam se preparar.” (FRANCO JÚNIOR, 2001, p. 137).

E essa preparação tinha um auxílio indispensável da Igreja medieval que assumindo o papel de mediadora nos assuntos espirituais e terrenos, instruía os leigos na sua preparação para uma boa morte, que estava de acordo com os seus valores. “A boa morte passa a ser a do indivíduo que, tendo pensado durante toda a sua vida em sua morte física, soube se preparar para ela e pôde enfrentá-la tranquilamente, com a consciência leve.” (RODRIGUES, 1983, p. 134).

Assim, seguindo as instruções eclesiásticas, cabiam aos leigos a tarefa de se confessarem, fazerem doações, receberem sacramentos e outros sufrágios cristãos para obterem uma passagem tranquila para a vida eterna, caso contrário, as almas estariam sujeitas as várias tribulações e sofrimentos no além-túmulo.

Michel Lauwers, ao escrever sobre a morte e os mortos reafirma a importância da instituição eclesiástica no culto dos mortos e na relação deste com os vivos. Conforme explica:

A história do culto dos mortos no Ocidente medieval aparece como uma longa sequência de encontros, confrontos e compromissos entre vários modelos e diversas lógicas sociais. **A instituição eclesial desempenhou nisto um papel essencial.** Primeiro, ela transformou o tipo de relação entre vivos e mortos que havia dominado na Antiguidade, depois, nos séculos seguintes, **procurou impor suas concepções e seus serviços à sociedade laica.** (LAUWERS, 2002, p. 245). (grifos nossos).

Então, segundo a concepção eclesiástica era necessária a sua intervenção no momento de passagem da alma para o mundo do Além, pois só ela poderia disponibilizar seus serviços sacramentais na intercessão pelos mortos.

Para Hilário Franco Júnior, os medievos não tinham medo da morte o temor era falecer sem ter feitos os sufrágios que permitiam a salvação: “A grande tragédia não era morrer, mas morrer inesperadamente, sem ter confessado, recebido os sacramentos, feito doações e esmolas, estabelecido o testamento”. (FRANCO JÚNIOR, 2001, p.137).

Como parte do cotidiano, a morte não era temida pelos medievos que já o aguardavam resignados como um acontecimento natural, próxima e familiar, pois havia a perspectiva da ressurreição tanto divulgada pelos pregadores, além da interação que havia com a presença do morto entre os vivos. Como exemplo, temos os ritos funerários, os cultos cristãos aos mortos, dentre outros elementos inerentes às práticas sociais diante do defunto.

No entanto, essa ideia de espera da morte com tranquilidade vai se esvaindo em decorrências de várias mutações que ocorreram na sociedade medieval, principalmente entre os séculos XI e XV, provocando mudanças nas atitudes dos homens e mulheres medievais diante do trespasse. Para Huizinga, nenhuma época impôs a toda população a ideia da morte continuamente e com tanta ênfase quanto o século XV (HUIZINGA, 2010, p. 221).

Essas mutações sociais estão relacionadas com o processo de crescimento urbano, por volta do século XII, pelo qual a sociedade vinha passando, como o desenvolvimento comercial que trouxe como consequências o progresso material, o surgimento do individualismo e outros acontecimentos que refletiram nessas mudanças.

Quanto ao individualismo, percebemos que a sua valorização trouxe interferência na relação com a morte, pois se antes era vivida coletivamente com essa concepção individualista da sociedade isso foi se perdendo.

Fica claro, mais do que nunca que essas transformações sociais fizeram com que os medievos estivessem mais envolvidos com os bens materiais, tomando gosto e apego pelas coisas que poderiam desfrutar nesse mundo. “Como o homem passara a viver melhor e querer viver mais, a morte foi deixando de ser uma amiga que o encaminhava para a eternidade para se transformar numa inimiga que o afastava de tudo que conseguira ou pensava vir a conseguir neste mundo.” (FRANCO JÚNIOR, 2001, p.137). Contudo, o

século XIV é apontado por alguns medievalistas como o momento em que a preocupação com a morte se tornou mais presente no cotidiano medieval, chegando até mesmo a uma preocupação quase obsessiva, pois foi nesse século que ocorreram várias epidemias, guerras, fome e pestes bubônicas.

Esses eventos, como explica Jérôme Baschet, contribuíram para o pessimismo espiritual dos medievos que entendiam que a ocorrência daqueles elementos eram castigos divinos e diante de um mundo que agonizava, a obsessão pela morte e consequentemente a preocupação com a salvação se fez sentir nessa população. (BASCHET, 2006, p. 250-252).

Nessa conjuntura, destacamos também a relevância da figura da morte representadas nas artes no século XIV e XV, a exemplo das *Ars moriendis* (arte do bem morrer) e da dança macabra que foram amplamente divulgadas por meio de livros, afrescos, iluminuras e xilografias; revelando várias imagens da morte que vai desde a uma decomposição física a uma visão agonizante.

Quanto à questão da dança macabra “agrupam-se algumas ideias afins em relação à morte, igualmente apropriadas para serem usadas como elementos de advertências e terror.” (HUIZINGA, 2010 p. 232). Ora, a utilização da dança macabra, se assim podemos inferir, é chamar atenção dos indivíduos para a supervalorização da vida terrena e o apego às coisas mundanas e lembrá-los que mais do que isso era preciso pensar na vida do Além.

De modo geral, José Carlos Rodrigues sintetiza bem as intencionalidades de outra obra que se remete a morte, como as representações artísticas sobre a dança macabra:

A intenção inicial das artes e da dança macabra é recordar que a vida mundana é transitória e vã e, por esta estratégia de demonstração dos horrores angustiante da morte, chamar atenção para a vida do além e simultaneamente apontar para um certo fascínio da condição de ser vivo, sobretudo através da condenação da vida pecaminosa e através da profunda igualdade que derivava, aos olhos da época, da sujeição de todos à morte: a certeza de que ela levaria a todos a mesma sorte. (RODRIGUES, 1983, p. 121).

Então, esse autor reforça essa intencionalidade das mensagens produzidas através da arte sobre a preocupação que os medievos deveriam ter para com sua vida espiritual, que independente de hierarquias sociais levaria a todos a um só destino: a morte. Assim,

“o medo da punição depois da morte e a angústia em relação à salvação da alma se apossavam igualmente de ricos e de pobres, sem aviso prévio.” (ELIAS, 2001, p. 23).

Até aqui, nos referimos de maneira geral sobre algumas questões que marcaram a visão que a cristandade europeia tinha sobre a morte. Posto isto, não podemos deixar de mencionar, particularmente, a preocupação com este aspecto também no reino português já que temos como uma das referências para as crenças sobre o mundo dos mortos medievais a versão portuguesa da *Visão de Túndalo* que trata desse tema.

Portanto, Portugal tem uma íntima relação com as transformações, já citadas, que vinha ocorrendo em toda Europa. Nesse sentido, como destaca Oliveira Marques, a Peste Negra e as outras muitas pestes que devastaram aquele reino, como toda a Europa, desde meados do século XV, suscitaram como nunca, até então, a angústia de morte iminente (MARQUES, 2009, p. 1003). “Não admira que a presença da morte, a lembrança da morte, o tema da morte surgisse como constante da vida quotidiana e das manifestações literárias e artísticas.” (MARQUES, 1974, p. 211).

No medievo, a sociedade portuguesa estava integrada à religiosidade cristã, ou seja, cumpria com os seus deveres de cristãos, pois no momento em que a preocupação com a morte se faz sentir, aumenta a necessidade de estar mais próximo possível do sagrado.

Como já mencionado, em Portugal não seria diferente a atuação dos clérigos no papel de mediadores entre o aqui e o Além, já que a mesma assumia a função de preparar os fiéis para alcançar o caminho da salvação de suas almas. É na Igreja que os portugueses depositam a sua fé e esperança para uma morte tranquila, alento fruto dos seus cumprimentos de deveres religiosos.

Oliveira Marques em seu estudo sobre as crenças na sociedade portuguesa nos mostra bem essa religiosidade cristã:

Mais do que na recepção dos sacramentos, a religiosidade do Português medieval reflectia-se nas assistências às missas e outras cerimoniais da Igreja, nos jejuns e abstinências, e nas peregrinações ou romarias. Ouvir missa era uma das práticas mais comuns do homem da Idade Média. As Igrejas, especialmente das cidades, enchiam-se todas as manhãs de uma multidão oriunda das várias classes, se não devota, pelo menos disciplinada no cumprimento de um dever social. (MARQUES, 1974, p. 155).

Como podemos observar, são práticas que vão de encontro às ações que os cristãos devem cumprir para com a representante de Deus aqui na Terra. Mais do que nunca a Igreja cumpria assim sua função de lembrar aos leigos a necessidade da realização dos ritos cristãos – orar, assistir as missas e celebrar a eucaristia - para a salvação da alma. Afinal, são atos litúrgicos e sacramentais que acompanham a morte.

No IV Concílio de Latrão (1215), temos mais claramente a dimensão dos rituais que os leigos tinham que cumprir na comunidade cristã, pois foi nesse concílio que se estabeleceu regras cristãs tanto para os leigos quanto para os clérigos. Assim se estipulou a obrigatoriedade dos fiéis realizarem a Comunhão pelo menos uma vez no ano, bem como a confissão dos seus pecados. Como nos informa Oliveira Marques:

O 4º concílio de Latrão (1215) tornara formalmente obrigatória para todos os fiéis a Comunhão do corpo de Cristo na Páscoa de cada ano sob pena de exclusão da Igreja e de privação da sepultura eclesiástica. Convidava ainda os cristãos que atingisse a idade da razão a “confessar em particular e sinceramente todos os pecados ao seu próprio sacerdote ao menos uma vez a cada ano”. Esta obrigatoriedade acha-se expressa em vários textos eclesiásticos portugueses da Idade Média (MARQUES, 1987, p. 153).

Nessa perspectiva que a Igreja através de seus sermões visava chamar a atenção para a preocupação com a morte através das descrições dos caminhos que o defunto estava sujeito na viagem para o mundo dos mortos, e assim emocionava e abalava as almas dos fiéis congregados no templo.

Como podemos observar a atitude diante da morte não ficou estática ao longo da Idade Média, mas se transformou de acordo com as mutações pelas quais a sociedade medieval vinha passando.

Atualmente, em nossa sociedade ainda se mantém a preocupação com a morte, mas claro, de forma mais abreviada se comparado com o período medieval. Segundo Nibert Elias, tentamos evitar a ideia de morte afastando-a de nós tanto quanto possível, tendência que se verifica nas sociedades avançadas de nossos dias, e não insistimos mais tão apaixonadamente em crenças sobrenaturais e rituais que podem garantir uma vida eterna depois da vida terrena. Mudanças que se devem as transformações advindas do progresso industrial que elevou a expectativa de vida, fazendo com que a morte fosse adiada, ficando mais fácil esquecer a morte no curso normal da vida (ELIAS, 2001, p. 7-15).

De qualquer forma não podemos negar que hoje ainda permanece no imaginário da sociedade a preocupação com a vida após a morte, só que de forma mais acentuada do que aquela vivenciada pelos medievos. Contudo, apesar dessa ideia de segurança do prolongamento da vida que faz com que a morte seja postergada, não podemos negar que há no fundo de cada alma um sentimento de crença e preocupação com os elementos que nos espera no Além-túmulo.

As experiências espirituais nos relatos de Viagens Imaginárias Medievais.

Ao longo da Idade Média, circularam inúmeras narrativas de viagens reais ou imaginárias que testemunhavam as experiências de viajantes que faziam um longo percurso a espaços que se situavam tanto no plano terreno quanto no plano transcendental.

São inúmeros os registros escritos que testemunham os itinerários de viagens feitas na época medieval que se dava por diversas vias: marítimas, terrestres e espirituais, que por diversas razões animaram o espírito dos viajantes que incluem desde interesses profanos quanto aos vinculados a questões sobrenaturais.

[...] A viagem medieval transcendia a dimensão de uma deslocação simplesmente motivada por preocupações e necessidades profanas, que, embora presentes em todos os viajantes, acabavam por se misturar ou subordinar a objetivos de ordem espiritual e religiosa, fazendo com que o caminhante encarasse os itinerários como uma demanda do sagrado e a possibilidade de assim ver perdoados os seus pecados e de salvar a sua alma. (LOPES, 2006, p. 4).

Independente dos objetivos dos deslocamentos dos viajantes medievais (mercadores, peregrinos, missionários e outros), é importante enfatizarmos o entrelaçamento dos relatos que nos chegam dos cronistas e autores-narradores, das proezas e aventuras dessas viagens, com as dimensões da mentalidade fantásticas e imaginárias dos lugares até então desconhecidos.

Lembremos que na época medieval uma das características fundamentais da mentalidade é a relação das coisas com o sobrenatural, onde as interpretações do mundo se davam através de vias sagradas. Nas viagens imaginárias também envolvia o mistério não seria diferente a presença de elementos que não são deste mundo. Como exemplo,

temos as viagens marítimas do período das Grandes Navegações europeias que tinham como objetivos a conquista e exploração de novas terras. Já outras estavam relacionadas a viagens religiosas cujo interesse se voltava para o benefício de um ato espiritual a lugares santos.

São vários os exemplos de produções de narrativas reunidas em livros de viagens compondo um corpus de documentos escritos [...] fornecendo inúmeras descrições de maravilha: viagens meio reais, meio fictícias, como as de Marco Polo e de João de Mandeville no fim do século XIII e início do XIV, viagens ao Além frequentemente relatadas sob a forma de visões (LE GOFF, 2002, p. 114).

Falar em viagens imaginárias na Idade Média implica em pensar também na procura por espaços que estão relacionados a lugares santos, como já mencionados, mas também pela busca de ambientes que se assemelham a lugares santos mencionados na Bíblia. As peregrinações empreendidas ao longo da Idade Média são um bom exemplo dessas experiências, pois as pessoas realizavam longas viagens a ambientes que lhes permitisse entrar em contato com o sagrado.

Oliveira Marques nos informa que as peregrinações na Idade Média tinham duas finalidades:

Satisfazer, por uma parte, as suas devoções de Cristão cumprindo promessas e remindo pecados; alargava, por outra, os horizontes limitados em que normalmente vivia, buscando a aventura na viagem, observando novas terras e contactando com outras gentes. (MARQUES, 1974, p. 157).

Para Marc Bloch, a própria mentalidade religiosa encorajava as deslocções e mais do que um bom cristão, rico ou pobre, clérigos ou leigos, pensava que apenas poderia alcançar a salvação do corpo ou da alma à custa de uma longa viagem. (BLOCH, 1987, p. 87).

Michel Sot, por sua vez, também associa as características das peregrinações como uma viagem, caminhada, feita por peregrinos que realizavam grandes jornadas cujas pretensões são o alcance de benefícios espirituais e físicos visando o perdão dos pecados e a cura do corpo. Esse autor localiza alguns destinos preferenciais dos peregrinos na

busca de contato com as dimensões espirituais através de relíquias sagradas e ambientes revestidos de santidade como Jerusalém (SOT, 2002, p. 353- 355).

As narrativas de *visões* são exemplos de viagens imaginárias que tiveram grande divulgação na sociedade medieval, principalmente no século XII, onde são abundantes as literaturas de viagens ao Além revelando os destinos das almas no Além-cristão. Precedidas de um discurso de instrução religiosa ou mesmo com objetivos políticos se constituíam em um instrumento eficaz na transmissão de valores sociais, já que o visionário era um transmissor de uma mensagem vinda do mundo sobrenatural.

O conceito de salvação na Idade Média era vinculado à ideia de viagem. Imprensado entre dois mundos, o da carne pecadora e o da alma, entre o mundo terrestre efêmero e a eternidade do mundo celeste, o homem medieval se via como um viajante (*homo viator*), um caminhante entre dois mundos (ZIERER, 2003, p. 138).

Em uma sociedade habituada a vincular os acontecimentos e todas as coisas do mundo terreno a elementos do mundo sobrenatural são inegáveis que tais visões não fossem tão receptivos na Idade Média, onde havia todo um aparato de crenças de uma vida no pós-morte engendrada nos discursos religiosos.

Consideramos importante destacar que os relatos de visões estão próximos dos relatos das visões místicas e das aparições, que também tiveram sua importância na sociedade medieval, no entanto, esses três tipos de narrativas não se confundem. “Das aparições derivam cultos centrados no objeto-fantasma ‘aparecido’, onde das visões dos místicos nascem cultos centrados na pessoa do sujeito protagonista da experiência visionária” (ROMANO, 1994).

Diferente das visões místicas que também circularam em meados do século XII, os relatos visionários apresentavam uma experiência sobrenatural de modo particular. Enquanto aquelas se davam através de revelações em sonhos, pelos olhos corporais, e outros meios, as “das **viagens das almas ao Além, vividas por humanos se davam em estado de morte aparente.**” (DELUMEAU, 2003, p. 86) (grifo nosso).

Do mesmo modo, as aparições não devem ser confundidas com as visões,

a este propósito, é bom precisar que na tradição católica, a partir de S. Tomás, distingue a “visão”, fenômeno ligado a experiências interiores de indivíduos dotados de

aptidões místico-extáticas, da “aparição”, a qual – como a manifestação de Cristo ressuscitado aos apóstolos – é percebida visivelmente, exterior e extemporaneamente em regime ordinário de vigília, independente de condições místico-extáticas. (ROMANO, 1994, p. 275).

Jean-Claude Schmitt já chamava atenção para a diferenciação das estruturas e funções dos relatos de aparições e viagens ao Além:

As aparições dos fantasmas representam entre os vivos e os mortos um deslocamento inverso às viagens ao além. Na rica literatura das visões e das viagens ao além [...] acontece do visionário encontrar almas de mortos que ele próprio conheceu na terra ou cujo nome chegaram até ele. Mas os objetivos de tais revelações não é, em regra geral, dar conta da sorte, no além, de um morto particular (com exceção de certos soberanos, em visões eminentemente “políticas”). Seu objetivo era antes revelar aos vivos, ouvintes ou leitores da *visio*, a geografia do além [...]. (SCHMITT, 1999, p. 15).

Assim as visões do Além se davam através da separação momentânea entre o espírito e o corpo. De forma geral, a alma é elevada ao plano superior, dando início a uma viagem aos espaços do Além (Inferno, Purgatório e Paraíso), sendo submetida a várias experiências no mundo dos mortos. Retornando ao corpo, dava o seu testemunho do que viu e ouviu e transmitia assim suas visões aos vivos.

Já explicava Jérôme Baschet que, as almas, provisoriamente separadas do corpo no decorrer de uma doença ou durante um momento de morte aparente, atravessam o mundo dos defuntos, terminando por trazer um testemunho para os vivos. (BASCHET, 2006, p. 391).

Outro detalhe sobre as visões que nos oferecem um indício revelador são que os relatos do século XII foram escritos em sua grande maioria na língua latina, o que provavelmente indica que essas visões são provenientes dos meios eclesiásticos, particularmente compostas por monges, pois nessa época eram eles que tinham o acesso à escrita. Mais isso não significa dizer que eles foram os criadores dessas narrativas, pois é bom lembrar que esses relatos foram apropriados e cristianizados pela Igreja medieval.

O fato é que nessas visões, às vezes os próprios monges eram o visionário do Além, isso não significa que não houvesse também a participação de leigos. Mas de qualquer forma, segundo Le Goff, os principais relatos latinos de viagem ao Além apresentam-se

sob a forma de visões, as quais beneficiam sobretudo os monges, uma vez que o mosteiro era considerado um lugar intermediário entre a terra e o Além, entre a terra e o Paraíso (LE GOFF, 2002, p. 27).

Mediante os incontáveis relatos de viagem ao Outro Mundo que se propagaram na Idade Média, escolhemos a versão portuguesa do manuscrito *Visão de Túndalo* que foi publicada no século XIX pela *Revista Lusitana* editada por F.H Esteves Pereira (cód. 244) para de forma geral possamos discorrer sobre a visão do Além como exemplo de narrativa que transmite valores cristãos.

É importante destacarmos que além dessa versão, existe mais uma portuguesa, publicada por Patrícia Villaverde Gonçalves (cód. 266). Ambas apresentando algumas diferenças, a saber: No códice 266 o texto é relativamente mais curto e resumido, mostrando a organização da visão dos espaços do Além mais desorganizado, enquanto a do códice 244 o número de páginas é maior, apresentando uma estruturação do Além mais detalhada.

Os dois códices foram traduzidos por monges do Mosteiro cisterciense do Real Mosteiro de Alcobaça, sendo que os textos são de autoria anônima com poucas informações de quem é realmente o autor dessa obra, o que sabemos é que foi composta por Marcus, um monge irlandês do qual também não se tem muitas informações que traduziu para o latim esse manuscrito.

Como pertencente às tradições de viagens e visões ao Além, essa obra foi muito apreciada pelas inúmeras versões que circularam na Europa entre os séculos XII e XV, tanto que foram traduzidas em diversas línguas vernáculas: espanhol, francês, provençal, gaélico, português, alemã e outras.

De forma geral a obra trata do cavaleiro Túndalo, personagem principal, nobre e de boa linhagem que vivia nas “ vaidades do mundo”, ou seja, entregue aos prazeres terrenos e, portanto, era pecador. Aquele “morre” temporariamente, por um espaço de três dias quando sua alma vai ser conduzida ao Além para conhecer a morada dos eleitos e os ambientes destinados aos pecadores, respectivamente em três lugares (Inferno, Purgatório e Paraíso).

Na alta Idade Média, numerosos relatos de visões, sonhos e viagens ao Além fazem menção à situação de transição entre a alma e o corpo, a alma

viajando, enquanto o corpo permanece inerte como se estivesse morto (SCHMITT, 2007, p. 307).

Através de visões como essas, os vivos, pelo menos durante a Idade Média, puderam conhecer as características do mundo dos mortos. Pois as narrativas de viagem ao Além foram um dos temas que tiveram muito sucesso na Idade Média e bastante explorado pela Igreja Católica para conduzir os fiéis na busca pela sua salvação.

Essas séries de relatos que se apresentavam sempre sob a forma de visões, constituíram-se em um dos instrumentos utilizados por essa instituição para difundir entre os fiéis os lugares habitados pelas almas no além-túmulo. E claro, mais do que identificar as características do mundo dos mortos existe uma ideia moralizante de instruir os ouvintes desse tipo de narrativa para o modelo de comportamento ideal, conforme os valores clericais.

Desse modo, na *Visão de Túndalo*, o cavaleiro passa por várias experiências no Além fazendo uma jornada pelo espaço do Inferno, Purgatório e Paraíso, onde observa e sofre várias punições para em seguida encontrar a paz celestial.

Assim, nesse percurso feito por Túndalo na companhia do ente celestial, que se inicia primeiramente pelo Inferno, se revela uma descrição minuciosa dos pecados e suas respectivas punições, demonstrando os comportamentos considerados mundanos perante os princípios da Igreja medieval. Como exemplo, a narrativa relata as penas das almas que cometeram os seguintes pecados: fornicção, soberba, assassinatos, furtos e outros que merecem ser castigados no Além devido a essas faltas (VT, 1895).

Não por acaso que se evocam as características de um cenário de castigos infligidos às almas pecadoras condenadas no Além que visam influenciar as ações mentais e comportamentais da sociedade, pois ao mencionar os delitos cometidos pelas almas espera-se que as pessoas evitem praticar aquelas faltas para evitar os sofrimentos no pós-morte.

Quanto ao Purgatório no manuscrito quase não se percebe uma indistinção entre este e o Inferno, pois ambos são apresentados de modo comparável tanto no espaço quanto nas penas destinadas às almas pecadoras.

Da mesma forma, chegando ao lugar do Paraíso depara-se com uma harmonia sagrada contrastada com os lugares do Inferno e Purgatório, pois as almas que ali se

encontram são virtuosas e merecem permanecer alocadas nesse ambiente pelas suas boas obras cristãs. Tanto que no manuscrito as descrições do cenário ambiental glorioso e das graças alcançadas pelos justos se constituem em um dos meios de mostrar aos fiéis a exemplaridade das virtudes cristãs das almas eleitas que merecem desfrutar seus méritos, segundo as suas obras.

A recompensa aos justos é mostrada pela visão do cavaleiro que vê os elementos que constituem a morada das almas eleitas como: campos verdes, rosas de diferentes tipos que exalavam bons odores, árvores carregadas de frutos e casas de louvores, dentre outros, (VT, 1895, p. 112- 117). E assim, aquele personagem volta ao seu corpo regenerado e torna-se um modelo de bom cristão, de acordo com os preceitos da Igreja.

O objetivo ao contar a experiência de Túndalo, experiência esta tida como verídica por quem escutava o relato, serve de exemplo para que outras pessoas seguissem os passos do cavaleiro regenerado. Por isso que o percurso realizado pelo cavaleiro e seu estado são muito importantes para o processo didático dos leitores e ouvintes dessa narrativa.

Então, o cavaleiro em seu percurso de viagem pelo Além começa como um pecador, exemplo de “mau cristão”, e portanto sua alma se encontra primeiramente no Inferno e Purgatório para sentir e ver o que recebem as almas que não seguiram os ensinamentos da intermediária de Deus, a Igreja.

Em seguida penetra nos lugares das almas que dedicaram suas vidas à religiosidade cristã, no Paraíso, onde começa a maravilhar-se com as recompensas o que o leva a um estágio de arrependimento. E mais do que isso, pedagogicamente se ensina que é possível para o fiel se arrepender dos seus pecados e ter a esperança de alcançar a paz eterna ao lado dos eleitos de Deus.

Desse modo, a apropriação dessa narrativa, contada pelos clérigos, servia aos interesses dos eclesiásticos que divulgava os seus ensinamentos, como um manual pedagógico de comportamento para os medievos alcançarem a sua salvação evitando os caminhos do pecado e aumentar a crença em uma vida espiritual no pós-morte.

Tanto que a questão da religiosidade na obra é bem enfatizada, perpassando do início ao fim da narrativa, como uma pedagogia espiritual transmitida pelo personagem principal, o cavaleiro Túndalo, e o ente celestial que o acompanhou nessa viagem ao Além.

“O redator do relato utiliza a figura de um elemento da nobreza, do grupo dos *bellatores* para mostrar a transformação espiritual e comportamental que ele sofrerá, após sua viagem ao Além [...]”. (ZIERER; MESSIAS, 2011, p. 74). Como parte da sociedade hierárquica medieval, o cavaleiro tinha a função de guerrear, tarefa que de início era mal vista pela igreja por estar próxima de pecados. No século XII, data de início da circulação dessa narrativa, a cavalaria ganhou grande visibilidade na sociedade medieval, momento em que a Igreja buscou a disciplinarização das atividades guerreiras, tentando moldar pela sua esfera ideológica um modelo de cavaleiro cristão.

Essas narrativas visionárias ao Além, não estavam restritas a personagens da nobreza, como monges e cavaleiros. Há vários documentos que vem sendo apontados pelos estudiosos de viagens visionárias a presença de personagens da camada popular que também vivenciaram tal experiência.

O mais importante a destacar aqui são as estruturas dos relatos de viagens imaginárias que se apresentam com certos mecanismos de convencer o seu público receptor das realidades do mundo dos mortos. Além disso, temos também o valor didático da transmissão dos ensinamentos cristãos vinculados pelas narrativas, como na *Visão de Túndalo*, que realçam os comportamentos que num futuro próximo pode beneficiar as almas ou não.

Conclusão

Assim, os relatos de viagem imaginária ao mundo dos mortos nos revelam os discursos dos pregadores cristãos que mostram os destino das almas no mundo do Além ligados aos princípios e valores praticados no plano terreno. Acontece, enfim, que esses relatos funcionam como uma espécie de extensão dos discursos moralizantes clericais e um instrumento eficaz para revelar os destinos dos mortos com a intenção de estabelecer uma ordem da sociedade baseada nos valores cristãos que assegure a importância dos clérigos na intermediação entre os vivos e os mortos.

E desse modo, eram estabelecidos nessas narrativas que havia dois caminhos para as almas no Além, baseados na definição clerical: o Paraíso para os que viveram uma vida pautada nos ensinamentos da fé cristão cuja recompensa é estar junto dos eleitos de Deus;

o Purgatório e Inferno para os pecadores que viveram uma vida mundana, merecendo, portanto, os castigos e sofrimentos desferidos pelos diabos.

FONTES E REFERÊNCIAS

FONTES

Visão de Túndalo (VT). Ed. de F.H. Esteves Pereira. **Revista Lusitana**, 3, 1895, p. 97-120.

Visão de Túndalo. Ed. de Patrícia Villaverde. **Revista Lusitana**, n. s., 4, 1982-1983, p. 38-52.

ESTUDOS

BASCHET, Jérôme. **A civilização Feudal: do ano 1000 à colonização da América**. São Paulo: Globo, 2006.

BLOCH, MARC. **A Sociedade Feudal**. Lisboa: Edições 70, 1987.

DELUMEAU, Jean. **O que sobrou do paraíso?** Trad. Maria Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

D' HAUCOURT, Geneieve. **A vida na Idade Média**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

ELIAS, Nobert. **A solidão dos moribundos, seguidos de, Envelhecer e morrer**- Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Idade Média nascimento do Ocidente**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

HUIZINGA, Johan. **O Outono da Idade Média**. São Paulo: COSACNAIF, 2010.

LAUWERS, Michel. "Morte e mortos". In: LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean-Claude (coord). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**, São Paulo: EDUSC/Imprensa Oficial do Estado, vol II, 2002, p.243 - 259 .

LE GOFF, Jacques. "Além". In: **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. São Paulo: EDUSC/Imprensa Oficial do Estado, vol I, 2002, p.21-33.

LOPES, Paulo. Livros de viagens medievais. **Medievalista on line**. Ano 2. Nº 2, 2006. Disponível em: <http://www.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/medievalista2/PDF2/viagens-PDF.pdf>.

MARQUES, de A.H. de Oliveira. **A sociedade Medieval Portuguesa**. Lisboa: Sá da Costa, 1974.

_____. **Breve História de Portugal**. Lisboa: Editorial Presença, 2009.

RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da morte**. Rio de Janeiro: Edições Achiamé, 1983.

ROMANO, Rugiero (dir.). Religião-Rito. **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1994.

SCHMITT, Jean-Claude. **Os vivos e os mortos na sociedade medieval**. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo. Companhia das Letras, 1999.

_____. **O corpo das imagens: ensaios sob a cultura visual na Idade Média**. BAURU, SP: EDUSC, 2007.

SOT, Michel. Peregrinação. In: **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. São Paulo: EDUSC/Imprensa Oficial do Estado, vol II, 2002, p.353-366.

ZIERER, Adriana M. S. Paraíso *versus* Inferno: A *Visão de Túndalo* e a Viagem Medieval em Busca da Salvação da Alma (século XII). In: FIDORA, Alexander e PASTOR, Jordi Prado (coord). Expressar lo Divino: Language, Arte y Mística. **Mirabilia**. Revista de História Antiga e Medieval. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio/ J.W. Goethe-Universität Frankfurt/Universitat Autònoma de Barcelona, v.2, 2003, p. 137-162.

ZIERER, MESSIAS, Bianca. Os Monges e as Viagens ao Além: a *Visão de Túndalo*. **Brathair** (UEMA). São Luís, 2011, vol. 11 (2), p. 70-84. In: <http://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/article/viewFile/692/614> (acesso em 09/01/2015).

¹ Este artigo é um texto adaptado que se baseia no primeiro capítulo da dissertação do Mestrado em História Social defendida na Universidade Federal do Maranhão (UFMA) em 2014, intitulada **Imaginário e Ideologia Cristã: uma versão portuguesa do Além Medieval na Visão de Túndalo**.